



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

LUIZ FELIPE PEREIRA TESSINARI

**LITERATURA INDÍGENA E TRADUÇÃO LITERÁRIA: UMA PROPOSTA DE  
TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA DA OBRA  
*FUTURO ANCESTRAL* DE AILTON KRENAK**

Brasília - DF  
2024

Luiz Felipe Pereira Tessinari

**LITERATURA INDÍGENA E TRADUÇÃO LITERÁRIA: UMA PROPOSTA DE  
TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA DA OBRA  
*FUTURO ANCESTRAL* DE AILTON KRENAK**

Projeto Final do Curso de Letras – Tradução, com luz na tradução literária, exigido como requisito de composição para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Tradução Inglês, da Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Barcellos

Brasília – DF  
2024

Luiz Felipe Pereira Tessinari

**LITERATURA INDÍGENA E TRADUÇÃO LITERÁRIA: UMA PROPOSTA DE  
TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA DA OBRA  
*FUTURO ANCESTRAL* DE AILTON KRENAK**

Projeto Final do Curso de Letras – Tradução, com luz na tradução literária, exigido como requisito de composição para a obtenção de título de Bacharel em Letras – Tradução Inglês, da Universidade de Brasília – UnB.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Pereira Barcellos  
(Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras – UnB)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alba Elena Escalante Alvarez  
(Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras – UnB)

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. Marcos Fábio Cardoso de Faria  
(Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri)

*Dedico este estudo a minha ancestralidade divina. Aqueles que, mesmo distantes, sempre se fizeram presentes em minha caminhada; que me visitam nas noites de maior angústia, nas quais me sinto tão desprendido de ser. A vocês, que me mostram o caminho e iluminam a passagem, dedico minha mais profunda honra e gratidão. Laroyê!*

## AGRADECIMENTOS

Do silêncio da mata escura ao profundo das noites. Acende-se a luz do candeeiro alumando a passagem, o raio rompe o profundo dos céus e aponta o caminho a se seguir. Ouve-se o quebrar das grandes ondas e o canto da sereia. Apresento-me como filho, cá estou eu, retornando ao meu *Ilé* primeiro para agradecer. Sou eu quem se fez rouxinol por teus encantos, quem se fez forte como o vento por tuas tempestades, quem se fez pesado como as águas por tua permissão. No movimento contínuo, na palavra reta, em cada esquina, em cada encruzilhada, foi tu quem me guardastes; tu sois minha proteção divina e encantada e do teu barro primeiro me criastes. A vós agradeço a permissão de ser quem sou e quem ainda posso ser. Salve as forças maiores!

“Exu matou um pássaro ontem com uma pedra  
que só jogou hoje.”  
*Laroyê!*

## RESUMO

O presente estudo se trata de uma tradução literária e respectiva análise dos processos de tradução da obra *Futuro Ancestral* de Ailton Krenak. Busca-se analisar o fazer literário de Krenak a fim de propor uma tradução para a língua inglesa da referida obra. Além disso, o estudo se justifica mediante a reconhecida importância e significância da pessoa de Ailton Krenak para os povos indígenas e brasileiros, além das suas contribuições de relevância global - reconhecendo o autor como um dos maiores pensadores brasileiros da atualidade. Também se entende a grandiosidade em exportar pensadores e obras nacionais através da tradução, com o intuito de promover nosso país culturalmente. Traduzir o texto de Krenak parece algo bastante pertinente na atual circunstância das relações humanas com a vida na terra.

**Palavras-chave:** Tradução Literária; Ailton Krenak, Processo tradutório.

## ABSTRACT

The paper is a literary translation and analysis of the translation process of the narrative *Ancestral Future* by Ailton Krenak. The study aims to analyze the literary making of Krenak to propose an English translation of "Ancestral Future". It seeks to justify itself through the recognized importance and significance of Ailton Krenak for indigenous and Brazilian peoples, in addition to his contributions that are of global importance. Recognizing the author as one of the greatest Brazilian thinkers of our time. Also understanding the greatness of exporting national thinkers and works through translation, with the aim of promoting our country culturally. Understanding that, translating Krenak's text seems to be something very relevant in the current circumstances of human relations with life on earth.

**Keywords:** Literary Translation; Ailton Krenak, Translation Process.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES:**

**FIGURAS**

Figura 1 - Capa do livro Futuro Ancestral..... 15  
Figura 2 - Ailton Krenak ..... 15

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Filosofia indígena de Krenak .....	27
Quadro 2 - Os seres. ....	27
Quadro 3 - O capitaloceno.....	28
Quadro 4 - Uma longa jornada até o mar .....	29
Quadro 5 - A fala dos rios. ....	29
Quadro 6 - Diversidade de saberes. ....	30
Quadro 7 - Rio-avô .....	31
Quadro 8 - Rio-música. ....	31
Quadro 9 - Profundamente imersos. ....	32
Quadro 10 - Seres coletivos.....	33
Quadro 11 - Jequitinhonha, Mucuri e Watu. ....	34
Quadro 12 - Rio Madeira.....	34
Quadro 13 - Xingu, Amazonas, Rio Negro e Solimões.....	34
Quadro 14 - Nossos parentes. ....	35

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 REVISÃO LITERÁRIA .....</b>	<b>14</b>
1.1 - O FUTURO É ANCESTRAL.....	14
<b>1.1.1 Obra <i>Futuro Ancestral</i> .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1.2 Ailton Alves Lacerda Krenak .....</b>	<b>18</b>
1.2 REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA DE KRENAK.....	19
<b>1.2.1 Cosmo do autor e do seu fazer literário .....</b>	<b>20</b>
<b>1.2.2 As vozes no texto de Krenak .....</b>	<b>22</b>
<b>2 O DEVIR TRADUTÓRIO .....</b>	<b>24</b>
2.1 A TRADUÇÃO.....	25
<b>2.1.1 Análise de Tradução de <i>Futuro Ancestral</i> .....</b>	<b>26</b>
2.2 A FILOSOFIA INDÍGENA DE KRENAK E SUAS METÁFORAS PARA EXPLICAR O MUNDO.....	26
<b>2.2.1 Os elementos da natureza como seres dialógicos .....</b>	<b>29</b>
<b>2.2.2 Comunhão da terra: a coletividade em Ailton Krenak .....</b>	<b>32</b>
<b>3 REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO.....</b>	<b>36</b>
3.1 REFLETINDO O FAZER TRADUTÓRIO.....	36
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende dar abertura ao pensamento de Ailton Krenak<sup>1</sup> através das portas que a tradução pode abrir, ao mesmo tempo em que se propõe analisar a presença singular do autor, manifesta na simplicidade do seu trabalho. A tradução de *Futuro Ancestral* para a língua inglesa permite que a obra chegue a outros públicos, países e culturas, visto que se trata de uma língua franca de poder mundial. A obra trabalhada no seguinte exposto evidencia a grave ruptura entre homem e natureza, bem como as consequências dessa desconexão ancestral e orgânica que o pensamento moderno e urbanista descontinuou. Diante desse cenário, faz-se necessário expandir reflexões como as de Ailton Krenak, tarefa na qual a tradução é notável aliada, uma vez que, historicamente, ela se ocupa em difundir culturas e levar vozes para além das barreiras linguísticas.

Ailton Krenak é um líder indígena, filósofo e importante pensador brasileiro da atualidade. Suas ideias são imprescindíveis para a conscientização do homem urbano em relação a sua ruptura com a natureza. Krenak alerta para a importância de nos reconectarmos com os rios, montanhas e florestas, pois a incansável marcha do progresso humano está devastando a Terra. Essa filosofia de Krenak, suas considerações criteriosas e assertivas sobre a atual história da humanidade, é a fundamental motivadora para a realização do presente estudo. Também foi imprescindível a identificação pessoal enquanto pesquisador com as posições do autor, ensejando na busca pela realização de um trabalho que se conecte com o pensamento decolonial no meio acadêmico. Além disso, a cultura de importação de pensamentos se faz muito presente no cotidiano brasileiro, no entanto, nossa cultura também possui imensuráveis riquezas. Por isso foi feita a escolha de levar uma obra brasileira para além das fronteiras de nosso país.

É importante ressaltar que o referido escritor tem enorme influência na luta pelas pautas dos povos originários brasileiros e se consolidou como uma figura política importante nesse lugar. São incontáveis suas atuações em grandes feitos pela resistência indígena no Brasil. Em geral, suas obras partem da sua sensibilidade de conexão com os seres vivos. Com essa mesma sensibilidade soube ouvir a voz dos rios, os ensinamentos das montanhas e, através de sua obra, tem nos mostrado o que esses seres estão bradando ao universo. Deixemos a tradução bradar a voz de Krenak e, ao que se refere à tradução, o exercício tradutório para o texto em

---

<sup>1</sup> Ailton Alves Lacerda Krenak é Filósofo, Poeta e Escritor, Ambientalista, da etnia indígena crenaque. Professor Honoris Causa pela Universidade de Juiz de Fora. Doutor Honoris Causa pela Universidade de Brasília - UnB. Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

questão se preocupa em respeitar a narrativa seguindo sua origem na oralidade, tradição de transmissão de conhecimento dos povos originários brasileiros.

O texto em sua versão escrita foi realizado por Rita Carelli, agregando a particularidade de uma produção que poderia ser caracterizada quase como uma tradução intralingual, como define Roman Jakobson (1959)<sup>2</sup> - uma interpretação dos signos verbais por meios de outros signos da mesma língua. A intenção com esse estudo é ser mais um semeador do pensamento de Ailton Krenak pelo mundo e, por meio dos estudos da tradução, proponho o texto de Ailton, *Futuro Ancestral*, traduzido para o inglês visando a potência dessa língua franca. O intuito é dar voz a pensadores brasileiros, como Krenak, especialmente por se tratar de um pensador indígena, uma vez que os povos originários são quem historicamente estão segurando o céu, como diz Kopenawa (2010).

Quanto à estruturação do presente estudo, ele se organiza da seguinte forma: quatro seções, as quais também possuem subseções que aprofundam os temas abordados. As seções estão assim nomeadas: 1 - revisão literária, que se dedica a fazer a revisão de literatura da obra, apresentando em primeiro momento o texto, seguido do autor e especificidades da obra; 2 - reflexões sobre a escrita de Krenak, análises sobre o estilo, composição de obra e características da escrita; 3 - o devir tradutório, que se dedica a falar sobre a tradução do texto, escolhas tradutórias e os percursos da tradução até o texto de chegada; 4 - reflexões sobre o processo de tradução, seção na qual falei sobre os sentimentos e percepções, enquanto tradutor, que surgem do processo da tradução; finalizando com as considerações finais, em que ocorre a retomada dos pontos de reflexão e as considerações de conclusão do trabalho.

Justifica-se a execução do presente estudo os argumentos anteriormente citados, dando importância e significância a pessoa de Ailton Krenak, o reconhecendo como um dos maiores intelectuais brasileiros da atualidade - entendendo a grandiosidade em exportar pensadores e obras nacionais, com intuito de promover nosso país culturalmente. Também de igual relevância a necessidade de trazer um pensador indígena para o meio acadêmico, contemplando a ecologia de saberes, termo utilizado por Santos<sup>3</sup> a fim de promover um diálogo entre os vários saberes que são úteis para o avanço das lutas sociais.

*Demoramos muito tempo para perceber nossa identidade planetária...  
A história avançou pelo lado ruim.*  
Karl Marx

---

<sup>2</sup> Roman Jakobson foi pensador russo e importante linguista. Foi um pioneiro ao propor uma teoria do sistema de comunicação.

<sup>3</sup> Boaventura de Sousa Santos é professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Portugal), Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison (EUA) e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick (Reino Unido).

## 1 REVISÃO LITERÁRIA

Essa seção está dividida em duas partes. A primeira parte se dedica a apresentar a obra *Futuro Ancestral* com a exibição do texto fonte para a realização do estudo e como ele se configura. A segunda parte fala sobre o autor e sua escrita, com reflexões sobre as multiformas utilizadas para criar seus textos, que partem da oralidade, incluindo uma proposta de Krenak em diálogo com outros autores e as vozes que ele evoca para o diálogo, que são colocadas em seus textos. Essas partes integram um capítulo dedicado à revisão literária que partem da obra e do autor - *Futuro Ancestral* de Ailton Krenak. Também é considerada um apoio para a realização da tradução e as análises que partem do processo pós-tradutório.

### 1.1 - O FUTURO É ANCESTRAL

Quem veio antes de nós e quem são os nossos ancestrais? A ancestralidade, nossa ligação com os que vieram antes de nós, com os que abriram os espaços para que sejamos um eu, um tu, e principalmente um nós. Os rios, montanhas, mares, plantas, todos esses seres já fazem da terra sua moradia há milhares de anos, contudo, algo sugere que em determinado momento de nossa existência tenhamos ignorado a presença deles como ancestrais. Tal constatação já se apresenta no início do livro, na página 11, quando Krenak diz: “Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.” Essas são algumas das ideias apresentadas por Ailton Krenak em sua obra intitulada *Futuro Ancestral*”.

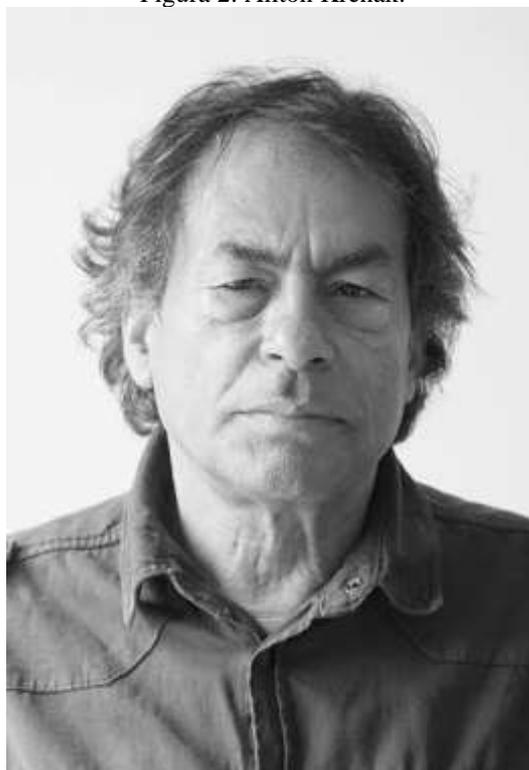
Inicialmente, antes das análises de tradução e da obra, se faz importante apresentar o texto fonte no qual esse estudo se baseia; sua construção e os aspectos gerais que o compõem. Também se destaca a relevância de apresentar o autor previamente, visto que sua história pessoal é um pilar para a realização da obra em questão. O presente capítulo tem como objetivo descrever obra e autor de forma aprofundada, trazendo aspectos de destaque do texto e da biografia do literato.

Figura 1: Capa do livro *Futuro Ancestral*.



Fonte: Companhia Das Letras, 2024.

Figura 2: Ailton Krenak.



Fonte: Companhia das Letras, 2024

### 1.1.1 *Obra Futuro Ancestral*

A relação homem-natureza está cada vez mais em desconexão. Os Rios, Montanhas, Florestas, são seres ancestrais que carregam a história do planeta Terra muito antes do advento da humanidade. Saber escutar as vozes desses seres, ou melhor, reaprender a escutá-las, é a grande chave de mudança para a recuperação dessa relação e da esperança para que saibamos como segurar o céu, como bem disse Kopenawa<sup>4</sup>. Essas são algumas das ideias apresentadas em *Futuro Ancestral*, livro de Ailton Krenak de pesquisa e organização realizada por Rita Carelli<sup>5</sup>.

O livro se trata de uma coleção de textos produzidos e organizados entre 2020 e 2021, no qual o autor nos faz provocações para que retomemos nossa ancestralidade e habilidade de comunicação com os seres da natureza. A obra também nos leva a pensar no futuro e em como faremos para continuar a escrever a nossa história na Terra se continuarmos em ritmo de destruição ou se escutaremos a voz dos rios, que está cada vez mais suprimida.

Os textos que compõem o livro foram elaborados por Rita Carelli a partir de pesquisas das falas de Ailton Krenak em diversos eventos, sendo o produto final de um compilado de partilhamentos dos saberes do autor sobre sua cosmovisão e entendimento da vida passada, presente e futura, com especial atenção ao presente. Elencam-se os eventos que foram norteadores para a elaboração do texto escrito de *Futuro Ancestral*:

**A. Políticas Cósmicas** — Diálogo de abertura do Festival Seres Rios, com Ailton Krenak e Marisol de la Cadena e mediação de Ana Gomes, em agosto de 2021, no qual Krenak foi convidado a dialogar sobre a relação do homem com as águas do planeta.

**B. Os Rios e as Cidades** — Aula espetáculo com Ailton Krenak na segunda edição do Amazônia das Palavras, em novembro de 2021; nela, o escritor aborda sua visão e reflexão sobre a vida na Terra e a importância dos rios e a utilização de recursos hídricos, bem como o consumo desenfreado e a produção de lixo.

**C. Cartografias para adiar o fim do mundo** — Mesa virtual da 19ª edição da Flip com Ailton Krenak e Muniz Sodré, sob mediação de Vagner Amaro, em dezembro de 2021, quando conversam sobre seus ideais e visão de mundo, confrontando os diferentes saberes. Sodré, autor de *Pensar nagô e a sociedade incivil* e Krenak, autor de *Ideias para adiar o fim do mundo* e *O amanhã não está à venda* são convidados a criar e comentar mapas que nos guie rumo ao enfrentamento das crises brasileiras.

---

<sup>4</sup> Davi Kopenawa é xamã e líder político do povo Yanomami, também é um importante ativista na defesa das causas dos povos indígenas.

<sup>5</sup> Rita Carelli é escritora, atriz e diretora e ilustradora.

**D. Espaços para respirar** — XV Seminário Internacional da Escola da Cidade, com Ailton Krenak e Wellington Cançado e mediação de Francisco Fanucci, em agosto de 2020. Abrindo as atividades do novo Estudo Transversal com o XV Seminário Internacional da Escola da Cidade, o pensador, filósofo, líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro, doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Ailton Krenak e Wellington Cançado, arquiteto pela PUC-Minas, doutor em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFMG e professor da Escola de Arquitetura e Design. e mediação de Francisco Fanucci, fomentam um diálogo sobre o direito básico de respirar. Olhando para a grande São Paulo, uma das cidades mais atingidas pela pandemia da Covid-19 no Brasil, e a crise socioambiental que o mundo está enfrentando.

**E. Uol entrevista: Ailton Krenak, liderança indígena** — Ailton Krenak entrevistado por Fabíola Cidral, Leonardo Sakamoto e Maria Carolina Trevisan, em novembro de 2021. Em uma live, transmitida ao vivo pelo Canal UOL, Krenak tratou sobre a mudança climática na Amazônia, as acusações de genocídio indígena contra o Ex-Presidente da República, Jair Bolsonaro e a fala de Txai Suruí na abertura da COP26.

**F. A vida não é útil** — Live da TV Canal 26 e Canal HD 526 da NET-Rio, com Ailton Krenak e a entrevistadora Rosângela Coelho, em agosto de 2020. Na Live em questão, Krenak fala sobre o lançamento de seus livros *O amanhã não está à venda*, *Ideias para adiar o fim do mundo* e *A vida não é útil*”, na qual o autor também reflete sobre os impactos da pandemia da coronavírus e a educação dos povos indígenas.

**G. O tempo e a educação: a importância dos saberes ancestrais** — Fala de Ailton Krenak no Segundo Congresso LIV Virtual, em outubro de 2020. Krenak fala sobre sua visão de futuro e ancestralidade, trazendo a complexidade desses temas, já que a sociedade é bastante plural. Mas o escritor se propõe a discutir sobre o tema, trazendo à luz de seus saberes. Durante o 2º Congresso LIV Virtual, em conversa conduzida pela psicóloga e coordenadora pedagógica do LIV, Renata Ishida, o autor trouxe seu relato sobre esses temas e explicou por que, em sua visão, a educação deveria se preocupar mais com o presente do que com o futuro.

Em síntese, a obra se configura como uma narrativa em primeira pessoa na qual o autor vai nos contando as histórias ao mesmo tempo em que nos convida e provoca a refletir sobre o nosso presente e a ancestralidade que cada um de nós carrega consigo. O texto é composto por sete capítulos dos quais cinco são referentes ao cerne da obra, um sobre a obra e outro sobre o autor, compilados em 122 páginas. Os capítulos são, respectivamente: I – Saudações aos rios, II – Cartografias para depois do fim, III – Cidades, Pandemias e outras geringonças, IV – Alianças afetivas, V – O coração no ritmo da terra, VI – Sobre este livro, VII – Sobre o autor.

Além disso, a primeira edição foi publicada em 2022, na cidade de São Paulo pela editora Companhia das Letras.

### **1.1.2 Ailton Alves Lacerda Krenak**

Líder indígena, pensador, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro e doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e pela Universidade de Brasília (UnB), Ailton Alves Lacerda Krenak nasceu em 1953, na terra indígena Krenak, situada na região do Vale do Rio Doce. Trata-se de um território geográfico do estado de Minas Gerais, região sudeste brasileira (ABL, 2023; SENADO FEDERAL, 2023; AML, 2024).

Ativista do movimento ambiental e indígena, Krenak atuou de forma precisa em importantes movimentos brasileiros. Em 1985 fundou a ONG Núcleo de Cultura Indígena e, em 1988, participou da fundação da União dos Povos Indígenas, que buscava representar os interesses e direitos dos povos no âmbito nacional. Também organizou a Aliança dos Povos da Floresta. (FUTURO ANCESTRAL, p. 121).

Ailton Krenak teve importante participação nas lutas do movimento indígena que ocorreram no Brasil nas décadas de 70 e 80, também conhecida como o grande despertar dos povos indígenas. Ailton foi um dos colaboradores para a criação da União das Nações Indígenas – UNI, fruto das mobilizações sociais que ocorreram durante o regime militar e de outros movimentos que já estavam acontecendo partindo de diversas etnias indígenas. (FUTURO ANCESTRAL, p. 121, p. 122; POLITIZE, 2023.). A participação do autor nas lutas sociais que ocorreram nos anos de 1970 a 1980 foram determinantes para a conquista do que se chamou de “Capítulo dos índios” na constituição de 1988. Também é importante destacar o discurso histórico de Krenak durante a Assembleia Constituinte em 1987, na qual o autor protagonizou um dos momentos mais emblemáticos do evento. Em protesto ao retrocesso na luta pelos direitos indígenas, ele pintou seu rosto de preto com tinta de jenipapo durante o seu discurso na tribuna, em sinal de luto. (FUTURO ANCESTRAL, p. 121, p. 122; POLITIZE, 2023; USP, V. 4 N. 1, 2019).

Em reconhecimento ao seu trabalho, luta e história, Ailton Krenak recebeu alguns títulos que o reconhecem e o consagram como uma figura importante para a sociedade brasileira e para a história do país. Em 18 de fevereiro de 2016, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), concedeu o título de professor *Honoris Causa* a Ailton Krenak. Para o então ministro da Cultura Juca Ferreira, o reitor Prof. Marcos Vinício Chein Feres e o coordenador do curso “Culturas e História dos Povos Indígenas” e das disciplinas do Encontro de Saberes na UFJF, Daniel

Pimenta, o título confere não apenas o reconhecimento à luta do autor, mas aos saberes que ele partilha com a sociedade. (UFJF, 2016.)

A Universidade de Brasília (UnB) também conferiu a Krenak o título de Doutor *Honoris Causa* em face ao reconhecimento de seu trabalho intelectual, ativista e filosófico no dia 12 de maio de 2022. O título e a importância de seu reconhecimento foram propostos pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da UnB. (UnB, 2022).

Ailton Krenak é uma importante personalidade brasileira. Sua singela e sábia relação com o mundo e a natureza que nele habita nos revela de forma simples que devemos nos colocar como seres que reconhecem o divino em tudo que existe. O autor nos mostra aquilo que, enquanto sociedade moderna, deixamos ocultar: o saber em olhar de forma verdadeira para os nossos ancestrais, honrando os rios, montanhas, florestas e todas as manifestações de vida que dividem e convivem na gaia conosco.

## 1.2 REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA DE KRENAK

Ailton Krenak nos propõe em seus textos uma visão singular sobre a relação homem e natureza. Tudo aquilo que chamamos de natureza, muitas vezes nos distanciando, para os povos originários é vida. e todos nós deveríamos ter a mesma compreensão, uma vez que estamos sob o mesmo céu e compartilhando a mesma Gaia. No entanto, apenas dizer que natureza é vida pode não trazer a profundidade necessária; é importante falar que é ser vivo, que é pai, mãe, avô, avó, irmãos de jornada. Em paralelo a Krenak, Patrícia Gualinga, líder indígena Kichwa, afirma categoricamente que para os povos indígenas a floresta é vida; tanto sua força quanto sua grandeza e pensamento interior fazem de sua alma e vida apenas uma, ligada a Pachamama. Segundo Patrícia Borges (2023), as obras de Krenak apresentam cosmopercepções que geram influências em estudos de diversas áreas e campos de pesquisa.

Alberto Acosta, político e economista equatoriano, aponta de forma bela que a relação dos povos originários com seus territórios é algo cultural e não meramente “natural”, diferente do que o imaginário urbano não indígena costuma pregar. Acosta defende que a relação dos povos originários com as florestas é fruto de um complexo fluxo de reciprocidade entre seres humanos, não humanos e o mundo dos seres espirituais. E, assim como Krenak, também relata a relação de ruptura entre o homem e natureza:

“O medo aos imprevisíveis elementos da Natureza esteve presente desde os primórdios da vida dos seres humanos. Pouco a pouco, a ancestral e difícil luta por sobreviver foi se transformando em um desesperado esforço por dominar a Natureza. E o ser humano, com suas formas de organização social antropocêntricas, posicionou-

se figurativamente fora dela. Chegou-se a definir a Natureza sem considerar a Humanidade como sua parte integral” Alberto Acosta (2016).

Entretanto, em suas abordagens Krenak faz o movimento inverso, o que lhe parece bastante natural. Se coloca em proximidade familiar e dá voz aos seres não humanos, os seres da natureza, os transformando em dialógicos possuidores de sua própria visão e compreensão da vida. Como ele próprio fala em seus textos, temos muito a aprender com esses seres. Dessa forma, Krenak evoca uma forma de construção de saberes antissistêmico que, segundo Santos (2021), é uma corrente de movimentos que se opõem ao sistema dominante, colocando-se como uma maneira de conhecimento decolonial. Pois, ainda segundo Santos (2022), na contemporaneidade a dominação colonialista ainda prevalece, talvez no mesmo nível de violência, o que justifica a incansável luta pela abertura de espaços para a produção de conhecimentos ancestrais e decoloniais chegarem ao alcance pleno da sociedade.

### **1.2.1 Cosmo do autor e do seu fazer literário**

Previamente às análises das quais o estudo se propõe, faz-se necessário compreender alguns pontos que constroem o discurso proposto, dos quais busca-se traçar uma linha de interpretação mais aprofundada sobre a obra e sua inserção no meio social e literário; também a tradução pode transitar dentro do universo fantástico do texto fonte. As análises a seguir destacam-se na busca de aprofundamento do cosmo do autor e do seu fazer literário, bem como na poética que dialoga entre homem e natureza – uma conversa entre seres humanos e não humanos, ambos possuidores de vida inteligente.

Como ponto de partida devemos nos atentar ao fato de que o principal estilo de fazer literatura do autor Ailton Krenak é a produção de textos não escritos, mantendo a tradição da oralidade povo Krenak, do qual o autor faz parte. Ele compõe toda a sua produção textual de maneira oral, seguindo a tradição não apenas de seu povo, mas da grande maioria dos povos originários brasileiros que milenarmente transmitem seus conhecimentos através da oralidade. De acordo com Ana Paula Silva (2009) em seu estudo intitulado “Memória oral e patrimônio indígena no Brasil nas crônicas do século XVI”, no que se refere à tradição oral dos povos originários do Brasil:

“As sociedades indígenas que habitavam, no século XVI, o atual território brasileiro eram sociedades ágrafas, isto é, sem escrita alfabética. Dessa forma, os conhecimentos e os aspectos imateriais do patrimônio cultural de cada povo eram, ao contrário da civilização Maia, armazenados na memória humana e transmitidos de uma geração a outra predominantemente pelo que se convencionou denominar atualmente de tradição oral, definida por H. Moniot (1982) como ‘tudo aquilo que é transmitido pela boca e pela memória’” (Silva, 2009).

Ao observar as obras de Ailton Krenak, notamos rapidamente sua estilística. Segundo Pierre Guiraud (1970), a estilística é uma Retórica moderna que pode ser entendida como ciência da expressão. O foco narrativo na obra de Krenak se mantém na presença de recursos como a descrição de fatos ou histórias pessoais para levar o leitor a pontos de reflexão desejados. O autor constrói a narrativa toda em primeira pessoa, sendo, portanto, parte viva e testemunhal da trama. Ele também faz uso de muitas analogias para explicar os fenômenos em questão, o que nos revela uma maneira muito simples de se comunicar com os leitores, uma proximidade grandiosa entre remetente e destinatário. Sabiamente o texto apresenta dois destinatários, o autor e esses seres não humanos que atuam como dialógicos.

Em sua vivência e íntima conexão com a natureza, o autor a coloca no texto de maneira inteiramente viva, sendo personagem dialógica na construção da narrativa. Segundo Merçon, Garcia e Werneck (2020), ao apagar a linha divisória moderna entre cultura e natureza encontra-se uma diversidade de naturezas culturalizadas, múltiplas formas de compreensão e vida que nos levam a questionar a visão única da natureza. Isso dentro da perspectiva de que tudo o que nos referimos como natureza é meramente um lugar reservado, uma pequena porção de terra. No entanto, na perspectiva de conexão ancestral do autor se revela um laço entre ele e a terra que vem de seus antepassados. Ele faz uma explanação muito particular da relação dos Krenaks com a terra:

O nome krenak é constituído por dois termos: um é a primeira partícula, kre, que significa cabeça, a outra, nak, significa terra. Krenak é a herança que recebemos dos nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como “cabeça da terra”, como uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra (KRENAK, 2020, p.48).

De acordo com Santos (2021), a estranheza dos colonizadores com a relação dos indígenas com a natureza gerou um processo de negação da mesma. É possível ver essas marcas na sociedade atual, em que o colonialismo ainda é uma presença de imposição de valores.

“A completa estranheza de tais práticas conduziu à própria negação da natureza humana dos seus agentes. Com base nas suas refinadas concepções de humanidade e de dignidade humana, os humanistas dos séculos XV e XVI chegaram à conclusão de que os selvagens eram sub-humanos. A questão era: os índios têm alma? Quando o Papa Paulo III respondeu afirmativamente na bula *Sublimis Deus*, de 1537, fê-lo concebendo a alma dos povos selvagens como um receptáculo vazio.”

Vê-se a inserção sociocultural do autor e a imprescindível contemplação da mesma nas análises que seguem. E, ao analisar a obra e realizar a proposta de tradução, entendeu-se como necessário olhar esses aspectos centrais para essa abordagem. Os elementos que compõem a obra são a alma do autor, pura e vivida; trata-se de um texto bastante singular, porém, com

profundidade e relevância bastante notável. Em sua genialidade, Krenak nos apresenta *Futuro Ancestral*, texto fonte para a elaboração do presente estudo.

“A fricção com a vida proporciona um campo de subjetividade que prepara a pessoa para qualquer tarefa. Em vez de formatar alguém para ser alguma coisa, deveríamos antes pensar na possibilidade de proporcionar experiências que formem pessoas capazes de realizar tudo o que for necessário na vida: sem medo de ter cobra dentro d'água ou de levar um coice. Porque tudo isso é integrado, são experiências fundamentais para se perceber como sujeito coletivo, para aprender que não estamos sozinhos no mundo” (Krenak, 2022, p. 116).

O presente estudo busca analisar o fazer literário de Krenak a fim de propor uma tradução para a língua inglesa de *Futuro Ancestral*. Todavia, antes de entrarmos nos conceitos da tradução, ainda cabe falar um pouco mais sobre a construção do livro, uma vez que Rita Carelli elabora os textos escritos partindo da fonte original que são os textos orais de Krenak. Isso nos leva a pensar um pouco sobre as vozes presentes na narrativa, para mais à frente, pensarmos nesse conceito aplicado à tradução.

### **1.2.2 As vozes no texto de Krenak**

A literatura como forma de representação é quem abre espaço para vozes, por vezes silenciadas, dentro dos coletivos sociais, humanidade. Muitas vezes, essas vozes só se fazem representadas e escutadas através da arte e da ciência do fazer literário. Nesse sentido, é imprescindível que autores como Krenak, que fala não apenas por si, mas por uma enorme parcela da sociedade brasileira, tenha o direito à voz. De acordo com Regina Delcastagnè (2002) “por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais.”

As obras de Ailton Krenak são repletas de riquezas e particularidades, uma delas é o fato de o autor não escrever os textos. Tal particularidade pode causar grandes estranhezas, contudo, ele não é uma exceção. O filósofo, educador e criador da Antroposofia, Rudolf Steiner, também teve boa parte de suas obras escritas por outrem. Rita Carelli é uma importante aliada na transcrição das obras de Krenak; responsável pela pesquisa e organização de livros do autor. Carelli é parte fundamental no seu fazer literário, podendo também ser entendida como uma das vozes presentes nessas obras.

Em um vídeo gravado para as plataformas *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, para o projeto *Aulas Abertas*, na abertura da temporada 2021 do Centro Cultural UFMG, o líder indígena inaugurou o eixo “Escrita, Poesia e Memória”, no qual fala um pouco sobre seu processo de escrita e sobre os aspectos socioculturais que compõe o seu arcabouço na produção literária. Krenak fala que se percebe enquanto indivíduo um sujeito coletivo. Uma vez que, em

sua trajetória de vida, ele teve uma experiência plural, experienciando a vida no meio rural e urbano. Também o fato de ser um indivíduo da etnia *Krenak* e ter convivido com outros povos de diferentes etnias, o que o ele define como uma experiência multiétnica, contribuem para essa percepção.

Entender as múltiplas vozes no texto de Ailton é entender o autor em sua genialidade. Sua forma de fazer literatura é bastante singular, porém, a pluralidade que seus textos se apresentam é enormemente rica. O autor, ao falar sobre seus processos de experiência na literatura, definiu seu fazer literário da seguinte maneira:

“Quando eu publiquei, há cerca de vinte anos atrás, um conjunto de textos reunidos sob um título “*O lugar onde a terra descansa*”, a experiência dessa escrita, ela foi realizada de uma maneira que previa a minha dedicação a ficar um dia inteiro ou dois dias gravando textos que foram transcritos, devolvidos depois pra mim, revisados e editados. Esse processo criativo, ele disparou em mim uma disposição pra narrar, pra comentar períodos ou memórias que me afetam profundamente e que dão sentido à minha pessoa, digamos assim. [...] Os processos que envolvem a minha experiência da literatura, eles são ricos, tem implicações afetivas, todos eles tem um cheiro, um gosto, um aroma, tem uma configuração de estados emocionais e espiritual que me afeta” Ailton Krenak na abertura da temporada de 2021 do projeto Aulas Abertas do Centro Cultural da Universidade Federal Minas Gerais - UFMG. Jan. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/boYzKk-4N7o>. Acesso em 09 set. 2024.

Ailton Krenak é um importante líder, filósofo e ativista pelos direitos dos povos indígenas brasileiros. Seu fazer literário certamente é uma conversa com essas múltiplas qualidades que o autor possui, mas também pode ser entendida como uma soma entre Ailton indivíduo e Ailton social, deixando fluir as vozes que o compõem. Mas ele fala em nome de quem e pra quem? Essa é uma indagação pertinente. Em verdade, ela poderia ser respondida de forma simples: fala em nome dos seus e daqueles que, historicamente, a elite dominante não somente se nega a dar voz, mas, em nome do progresso civilizatório, escravizou, assassinou, apagou da história e impediu seu acesso das margens para os centros epistemológicos.

É necessário destacar que no dia 05 de outubro de 2023 Krenak foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras – ABL, tornando-se um imortal da literatura. O escritor, filósofo e ativista indígena passou a ocupar a cadeira de número cinco, a qual Bernardo Guimarães é o patrono e Raimundo Correia é o fundador. A cadeira já foi ocupada por Osvaldo Cruz, Aloysio de Castro, Cândido Motta Filho, Rachel de Queiroz e por José Murilo de Carvalho, antecessor de Krenak. Com 23 votos, Ailton Krenak é o sétimo imortal a ocupar a cadeira de número cinco e se tornou o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na academia, segundo a Rádio Senado (2023). No dia 05 de abril de 2024, o autor tomou posse de sua cadeira na ABL e, durante a solenidade, o colar de imortal foi entregue a Krenak pela atriz Fernanda Montenegro, a espada das mãos do acadêmico Arnaldo Niskier e o diploma de Antonio Carlos Secchin. A nomeação

e posse de Ailton Krenak é um marco em nossa história e reafirma a urgente importância de dar voz aos povos do Brasil. Em referência a Mario de Andrade, Aílton disse em seu discurso:

“Eu não sou mais do que um, mas eu posso invocar mais do que 300. Nesse caso, 305 povos que nos últimos 30 anos passaram a ter disposição de dizer: ‘estou aqui’. Sou guarani, sou xavante, sou caiapó, sou yanomami, sou terena”.

## 2 O DEVIR TRADUTÓRIO

Ao longo da história da humanidade, grandes civilizações fizeram uso da tradução para expandir sua cultura e domínio sobre outras nações. Historicamente, a tradução vem exercendo um papel de grande importância, papel esse que, com o início das grandes navegações e da globalização, teve maior destaque. De acordo com Marcos Saquet (1998):

“O primeiro momento do processo de mundialização dá-se com as grandes navegações e o achamento da América, no final do século XV. Ela é aprofundada posteriormente com o Pacto Colonial e com o aumento da produção a partir da revolução industrial.”

A cultura das sociedades ganha grande importância durante esse período, seja por motivos de conhecimento ou por vontade de domínio e (ou) expansão. Paulo Henriques Britto ao pensar na tradução historicamente, faz uma ácida comparação com profissões tão antigas quanto. Ele diz assim:

“Segundo dizem, o ofício de tradutor é a segunda mais antiga profissão que há. Se isto é verdade ou não, respondam os historiadores; mas a comparação implícita entre prostituição e tradução contida neste comentário levanta algumas considerações interessantes. De fato, trata-se de duas ocupações que, além de terem em comum a extrema antiguidade, são concebidas pelo senso comum de modo análogo. Tanto o trabalho da prostituta quanto o do tradutor são normalmente encarados como males necessários, atividades que sempre surgem onde quer que se desenvolva uma sociedade humana mais complexa, mas que decorrem de imperfeições humanas. Num mundo utópico em que vigorasse uma atitude mais racional e saudável em relação à sexualidade, a prostituta não teria razão de ser; assim, também, numa sociedade em que triunfasse a razão acima dos nacionalismos e etnocentrismos estreitos, todos fariam um único idioma — certamente, aliás, uma língua racional, sem regras absurdas e exceções inexplicáveis — e não haveria necessidade de se traduzir coisa alguma.” Britto (1989).

Segundo Octávio Paz (1990), a cultura de uma sociedade é quase ininteligível se os significados da sua linguagem são desconhecidos. Todavia, se o trabalho do tradutor for bem executado, estabelecendo os objetivos claros aos quais a tradução deve se atentar - à boa execução de sua função e ao que ela se presta a transpor - o resultado é um texto que, quando lido, poderia facilmente se dizer que foi escrito na língua de leitura (BRITTO, 1989). Portanto, dar-se-á a importância aos estudos da tradução, que no meio social é a ciência que criará pontes entre as diversas culturas globais, seja durante a grande expansão civilizatória humana, que se

estabelece até a atualidade, seja na era da sociedade da informação<sup>6</sup> e mecanização dos processos, no mundo das inteligências artificiais.

## 2.1 A TRADUÇÃO

Ao traduzir, cabe ao tradutor um olhar cuidadoso e minucioso com o texto fonte, para que assim ele possa estabelecer quais caminhos trilhar até o texto de chegada: a tradução. Ao revisar a obra, fui levantando suas características e particularidades, processo no qual tive o intuito de me aproximar de forma precisa do texto fonte. É importante levar em consideração alguns aspectos, como o linguístico que, por sua vez, é algo que necessariamente o tradutor deve enfrentar; os extralinguísticos, que interferem diretamente no exercício tradutório; o público-alvo, cultura de partido, isso é, a cultura na qual o texto fonte está inserido; cultura de chegada, que consiste na(s) cultura(s) para qual o texto traduzido foi pensado. Também é importante analisar de qual área de conhecimento o texto fonte faz parte, sua inserção na história / hodiernidade. Enquanto tradutor, também considero que a biografia do autor muitas vezes é de extrema importância para se entender a narrativa alvo da tradução e ela seja o mais fidedigna possível, sendo os textos - fonte e tradução – sua própria extensão. No que se refere ao texto e escritor em questão, *Futuro Ancestral* de Ailton Krenak, concluo como ponto de partida a identificação de um autor multitalentoso que em sua escrita produz textos filosóficos pertencentes ao nicho de filosofia indígena, inserção do texto literário em análise. Vale destacar que a filosofia indígena se refere ao pensamento dos povos indígenas - suas crenças, relação com a natureza, sua história, cosmovisões e todo o saber proveniente dos povos originários. No que compete aos desafios de tradução do texto, foi de extrema importância elaborar uma linha de estudo sobre o autor; a tradução precisava ir de encontro às características únicas de Krenak e de como ele se faz presente em seus textos. As subseções que seguem se dedicam a analisar considerações sobre os elementos que compõem a obra e escolhas tradutórias que se apresentam dentro desses temas.

---

<sup>6</sup> [...] “sociedade da informação” passou a ser utilizada, nos últimos anos desse século, como substituto para o conceito complexo de “sociedade pós-industrial” e como forma de transmitir o conteúdo específico do “novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “fator-chave” não mais os insumos baratos de energia [...] mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações (JORGE WERTHEIN, 2000).

### 2.1.1 Análise de Tradução de *Futuro Ancestral*

Uma análise de tradução requer examinar e avaliar com cautela a precisão, fluência, fidelidade e adequação de uma tradução em relação ao texto de partida, isto é, estabelecer de forma coesa e coerente o laço entre o texto fonte e o texto de chegada. Isso requer verificar se o significado original foi preservado, se o estilo e o tom foram mantidos e se a tradução é apropriada para sua chegada ao público-alvo. No entanto, essa análise também pode ser realizada de forma mais específica, buscando olhar elementos particulares de cada texto e de cada autor, como tais elementos se apresentaram no texto fonte e como foi sua recepção no texto traduzido. Quanto ao texto *Futuro Ancestral*, proponho analisar alguns elementos em específico, pois eles conferem a sua identidade. Esses elementos são: a filosofia indígena de Krenak e suas metáforas para explicar o mundo; os elementos da natureza como seres dialógicos<sup>7</sup>, a tradução do significado de coletividade segundo o que apresenta Ailton Krenak.

## 2.2 A FILOSOFIA INDÍGENA DE KRENAK E SUAS METÁFORAS PARA EXPLICAR O MUNDO

De forma ampla, o texto relata a relação entre homem e natureza na visão do autor. Ele apresenta a visão do homem moderno e seu pensamento urbanista de interpretação do que é natureza e seu valor para a sociedade. O que Krenak aponta firmemente é que o homem urbano passou a enxergar a natureza como um meio de lucro e exploração e deu a ela um lugar bem especificado, uma pequena porção de terra a qual ele denomina natureza. Também relata que com o passar do tempo fomos perdendo a conexão com essa entidade natureza, seus seres vivos, humanos e não humanos.

Passamos a ter um duelo, uma guerra de poder desigual, sendo o capitalismo o grande causador do colapso que a terra está enfrentando. Todas essas abordagens configuram o pensamento filosófico do autor e seu fazer literário certamente passa por essa vertente, agregando ao texto o que se poderia chamar de poeticidade filosófica. As nuances de particularidades no texto são pontos de partida que de forma alguma poderiam ser ignoradas pela tradução. A percepção de nicho literário do texto, algo que norteou os caminhos iniciais da tradução, delimitou com qual tipo de texto literário a tradução e o tradutor deveriam conversar. Chegar na essência do texto é passar por cada uma das características do fazer do

---

<sup>7</sup> O eu antidialógico, dominador, transforma o tu dominado, conquistado num mero "isto". O eu dialógico, pelo contrário, sabe que exatamente o tu que o constitui. Sabe, também, que, constituído por um tu - um não-eu - esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu. (FREIRE, 1983, p. 196).

autor. Nos quadros: 1 - Filosofia indígena de Krenak, 2 - Os seres, e 3 - O capitaloceno, é possível vermos essas vertentes filosóficas e poéticas que o autor flui em seu trabalho. O quadro 1, linha 2, faz alusão à produção de literatura filosófica indígena do autor Ailton Krenak. É o primeiro trecho do texto *Futuro Ancestral*, no qual o autor estabelece um grande diálogo filosófico e poético.

Quadro 1 - Filosofia indígena de Krenak

2	Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui.	Rivers, those beings that have always inhabited the worlds in different ways, are the ones suggest to me that if there is a future to be considered, it is an ancestral one. Because it was already here.
---	---	---

O exemplo do quadro 1, linha 2, evidencia a busca da tradução por manter a estrutura textual próxima a do texto de partida. Fica evidente que, no percurso dessa tentativa, foi um período que acabou ficando com um número de caracteres maior do que o do texto de partida, algo bastante comum na prática tradutória.

No quadro 2, linha 86, o mesmo aumento de número de caracteres se apresenta. Nota-se também a presença de uma singela poeticidade na escrita do autor, que também é expressa no exemplo do quadro 1. Ele coloca em risco sua relação com os seres que, na sua visão, compartilham o mundo conosco. A tradução de ambos os exemplos contidos nos quadros 1 e 2 buscou manter a mesma estrutura textual, na tentativa de não se distanciar da poética do texto.

Quadro 2 - Os seres.

	Entre tantos mundos, me sinto especialmente tocado pelas histórias que nos aproximam dos seres invisíveis aos olhos turvos de quem não consegue andar na Terra com a alegria que	Among so many worlds, I feel especially touched by the stories that bring us closer to beings invisible to the cloudy eyes of those who can't walk the earth with the joy that we should imprint
--	--	--

86	deveríamos imprimir em cada gesto, em cada respiro.	on every gesture, every breath.
----	---	---------------------------------

O sentimento enquanto tradutor é de que uma boa pesquisa sobre a obra leva a uma fluência de tradução incomparável, tornando o ato de traduzir muito mais leve e fluido. No quadro 3, linha 89, se observa sua firme maneira de apontar as causas da ruptura que fazemos em nome de uma ideia de possível progresso capitalista, que é a ruína das relações entre os seres viventes.

Quadro 3 - O capitaloceno

89	Pois quando dizemos mundo pensamos logo neste, em incessante disputa instaurada por uma gestão que deu metástase: o do capitalismo - que alguns já chamam de capitaloceno.	Because when we say world, we immediately think of this one, in incessant dispute established by a management that has metastasized: that of capitalism - which some are already calling the capitalocene.
----	--	--

A tradução do quadro 3, linha 89, segue nos mesmos parâmetros já analisados nos quadros anteriores, porém, o 3 revela um sentimento enquanto autor da tradução com as escolhas tradutórias. São amplos os caminhos que podemos seguir na tradução; aqui, senti que o sujeito que estava oculto no português em “Pois quando dizemos mundo”, esse “nós” implícito, na tradução precisava deixá-lo explícito, escolhendo executar da seguinte maneira: “*Because when we say world*”, trazendo o “*we*” de maneira clara, pois avalio que em língua inglesa a frase fica melhor formulada e ganha mais fluidez dessa maneira.

O quadro seguinte, 4, linha 18, apresento para reforçar a ideia discorrida no quadro 3, sobre explicitar os sujeitos da oração.

Quadro 4 - Uma longa jornada até o mar

18	Saúdo também o Jequitinhonha e o Mucuri, que junto com o Watu fazem uma longa jornada até o mar.	I also greet the Jequitinhonha and the Mucuri, which together with the Watu make a long journey to the sea.
----	--	---

No quadro 3, podemos apreciar a confirmação da escolha de trazer os sujeitos que, no texto de partida estão ocultos, isto é, implícitos no texto, e transformar em sujeitos determinados na passagem para o inglês. Assim, é possível mostrar quem é o agente ou o alvo do discurso.

### 2.2.1 Os elementos da natureza como seres dialógicos

O texto *Futuro ancestral* se apresenta para nós com algumas particularidades muito interessantes. Uma delas são os seres da natureza como seres dialógicos, conceito previamente apresentado no estudo. Na narrativa, o autor faz questão de destacar a conexão que os povos originários têm com os rios, montanhas e terra, agregando a esses seres a capacidade do diálogo, da comunicação direta com o homem. Mas essa conexão se apresenta de forma aprofundada, com esses seres sendo detentores de vida animada e dialógica, possuidores de capacidades anímicas do Ser<sup>8</sup> - querer, pensar e sentir - conceito abordado pelo filósofo e educador Rudolf Steiner.

Observemos o quadro a seguir, retirado da tradução do texto *Futuro Ancestral*, o qual se apresenta espelhado - texto fonte e texto traduzido:

Quadro 5 - A fala dos rios.

8	Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios.	We have always been close to water, but we seem to have learned very little from the speech of Rivers.
---	--	--

Na passagem expressa no Quadro 4 é possível observar a relação de íntimo conhecimento e respeito do autor por esse ser Rio a quem ele se refere e a aplicação prática do

---

<sup>8</sup> Todas as atitudes que tomamos em nosso cotidiano, durante a vida inteira, passam por três estágios: Pensar, Sentir e Querer/Agir [...] A arte de educar deve proporcionar ao ser humano um desenvolvimento completo e equilibrado, incluindo o Pensar, o Sentir e o Querer, para que ele possa ter um pensamento claro, um sentimento capaz de estabelecer relações de forma saudável, e para que consiga realizar coisas boas no mundo.

que se denomina no estudo como ser dialógico, ao inferir que aprendemos muito pouco com sua fala, isto é, a fala ou saber desse ser Rio. A tradução de períodos como este foi pensada de maneira a contemplar a singeleza de palavras que o autor usa em sua narrativa, para o texto chegar com igual peso na língua inglesa, isto é, buscar alcançar uma possível equivalência, termo muito presente nos estudos da tradução e amplamente trabalhados por teóricos como Catford, Nida e Newmark que abordam posições muito particulares sobre o termo e sua relevância ou ausência dela. Contudo, aqui evocamos a presença da equivalência como sentido mais pragmático, buscando estabelecer uma abordagem cognoscível de similaridade entre os textos, mesmo sabendo que a equivalência é um termo que gera divergências dentro dos estudos de tradução, como bem descreve Harden (2007) em seu texto “Equivalência: Sinônimo de divergência”.

No quadro a seguir, nota-se também uma predileção por contemplar a sabedoria ancestral dos povos originários em um paralelo à crença depositada nos seres não humanos, nesse caso o rio, demonstrando uma diversidade de saberes e abrindo espaço para diferentes epistemologias. Em contraponto, Santos (2009) evidencia em seu trabalho “Epistemologias do Sul” uma visão na qual os saberes do que ele chama de zona colonial - isto é, lugares que uma vez foram dominados e usurpados por forças colonizadoras - o universo das crenças e dos comportamentos incompreensíveis, na visão do não indígena colonizador, jamais poderiam ser considerados conhecimento.

Evidenciando a harmonia de convivência, crença da sabedoria ancestral e relação intimista dos povos originários com os seres da natureza, observa-se uma completa certeza na sabedoria que vai para além da vã compreensão não indígena. No quadro 06, linha 10, expressa-se o seguinte:

Quadro 6 - Diversidade de saberes.

10	Os antigos do nosso povo colocavam bebês de trinta, quarenta dias de vida dentro do Watu, recitando as palavras: "Rakandu, nakandu, nakandu, racandu".	The ancients of our people used to put babies who were thirty or forty days old inside the Watu, reciting the words: "Rakandu, nakandu, nakandu, racandu".
----	--	--

É evidente que, para além dos seres humanos, Krenak deixa claro em seus textos o reconhecimento de outros seres, como os rios. Afirmando essa ideia, no texto de chegada ao

escolher a tradução manteve o nome do rio “watu”, nome próprio começando com letra maiúscula, como no texto de partida. Essa ideia se complementa no quadro seguinte, quadro 7, linha 12, em que o autor continua a sua afirmação de reconhecimento e familiaridade com esses seres.

Quadro 7 - Rio-avô

12	Esse nosso rio-avô, chamado pelos brancos de rio Doce, cujas águas correm a menos de um quilômetro do quintal da minha casa, canta.	Our great Grandfather-River, called the Doce River by the whites, whose waters flow less than a kilometer from the backyard of my house, sings!
----	---	---

Nesse quadro, fiz a escolha tradutória de passar o termo, “rio-avô”, escrito dessa maneira no texto de partida para “Grandfather-River” no texto de chegada, buscando evidenciar na tradução, através de letras maiúsculas, que esses elementos são personagens da narrativa. Toda essa relação de singela harmonia narrada no texto fonte foi cuidadosamente pensada para o texto de chegada, prevalecendo a simplicidade narrativa e importância do que se é narrado. Além do reconhecimento presente de familiaridade e (ou) atribuição de grau de parentesco que o texto apresenta de diferentes momentos, como podemos apreciar no quadro 8, linha 13, a seguir:

Quadro 8 - Rio-música.

13	Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música	On silent nights we listen to its voice and talk to our River-music.
----	---	--

O autor continua a evocar em seu texto a natureza como Ser cognoscente, cuja sabedoria é transmitida ancestralmente. Ailton reconhece nessas entidades a vida e a sabedoria, ficando implícito que o escritor demonstra ser sensível e reverente aos saberes desses seres. De forma proposital, a escolha de tradução nesses casos foi de apresentar os termos enfatizados como personagens. O próximo quadro, quadro 9, linha 16, é apresentado a fim de dar função enfática nas linhas de pensamento do autor, no que se refere ao reconhecimento e evocação desses seres, e da tradução quanto às escolhas para o texto de chegada.

Quadro 9 - Profundamente imersos.

16	Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir.	We feel so deeply immersed in these Beings that we allow ourselves to leave our bodies, this sameness of anthropomorphy, and experience other ways of existing.
----	--	---

O autor destaca ainda uma memória nostálgica, fruto do poético encantamento recíproco entre eles, homem e natureza, como observa-se no quadro. E, por fim, no que se refere às qualidades de capacidade comunicativa desses seres dialógicos, o autor deixa evidente que, eles, os seres, são capazes de nos dizer algo, como se evidencia nos quadros de 5 a 9. Os rios, montanhas, os ventos e a própria terra estão se comunicando conosco.

Em contraposição, o autor, em entrevista para o *Jornal da Universidade - UFRGS* (2020), fala que nos divorciamos da terra com uma crença de que poderíamos dominar, explorar e extrair os recursos dela. Trata-se de uma ruptura entre homem e natureza, responsabilizando-o por silenciar as vozes que ecoam da floresta; uma tentativa silenciosa de matar os seres e calar suas vozes dentro dessa existência coletiva em nome do dito progresso humano e urbano.

### 2.2.2 Comunhão da terra: a coletividade em Ailton Krenak

O sentido de coletividade pode ser entendido de muitas formas. Os dicionários podem definir, filósofos podem definir, seres podem definir. Certamente a filosofia clássica já se debruçou sobre o tema. Para Aristóteles, por exemplo, o ser humano é um ser social. Segundo Escóssia e Kastrup (2005), o coletivo se confunde com o social e se representa através de categorias como Estado, Igreja, Família, Povo, Nação e etc. O *Vade Mecum* Brasil apresenta a definição de coletividade como: 1) conjunto de coisas singulares, formando um todo distinto. 2) o mesmo que universalidade. 3) união dos indivíduos que vivem em comum, dentro do mesmo território, vinculados pela raça, pelo idioma, pelos interesses e costumes. Em suma, todos esses conceitos são importantes para traçar linhas de compreensão. Também poderíamos entender que para a tradução todos esses debates são importantes, eles são auxiliares do fazer tradutório. Dito isso, agora voltemos para Ailton Krenak, pois em seus textos ele deixa bastante evidente uma noção de coletividade. Em seu fazer filosófico ele coloca em sua compreensão de

coletivo homem e natureza no mesmo grupo. Ambos fazem parte do que ele comumente chama de mundos coletivos nos quais o homem, o rio, os bichos, as montanhas e florestas fazem parte da mesma comunhão da terra, são parentes próximos e indissociáveis.

No quadro 10 a seguir, linha 4, é possível evidenciar essa afirmação de coletividade e ver que está para além das relações humanas.

Quadro 10 - Seres coletivos.

4	<p>Mas estamos na Pacha Mama, que não tem fronteiras, então não importa se estamos acima ou abaixo do rio Grande; estamos em todos os lugares, pois em tudo estão os nossos ancestrais, os rios-montanhas, e compartilho com vocês a riqueza incontida que é viver esses presentes.</p>	<p>But we are in Pacha Mama, which has no borderlands, so it doesn't matter if we are above or below the river Rio Grande; we are in everywhere, because our ancestors, the Mountain-rivers, are in everything, and I'm sharing with you the boundless richness of living these gifts.</p>
---	---	--

A coletividade abordada pelo autor certamente está bem expressa no quadro 10, linha 4, quando ele novamente evoca os seres que se destacam na narrativa. No aspecto de tradução, o quadro em questão traz escolhas já anunciadas: trazer à tona os sujeitos da oração, como em “Mas estamos na Pacha Mama”, e na tradução, “*But we are in Pacha Mama*”; o uso de letra maiúscula para afirmar os personagens de quem se fala, como em: “rios-montanhas”, traduzido como: “*Mountain-rivers*”; e a escolha de não traduzir e nem explicitar o nome dos rios, como em: “rio Grande”, para “*river Rio Grande*”.

A escolha da não tradução também se faz presente nos próximos quadros: quadro 11, linha 18, quadro 12, linha 20 e quadro 13, linha 26.

Quadro 11 - Jequitinhonha, Mucuri e Watu.

18	Saúdo também o Jequitinhonha e o Mucuri, que junto com o Watu fazem uma longa jornada até o mar.	I also greet the Jequitinhonha and the Mucuri, which together with the Watu make a long journey to the sea.
----	--	---

O quadro 11, linha 18, apresenta dois desses rios, Macuri e Watu. É importante destacar que “Watu” é o nome indígena dado pelo povo Krenak para o do Rio Doce, que em geral é mais conhecido e (ou) popularizado no Brasil pelo seu nome em português, em particular pelos não indígenas.

Quadro 12 - Rio Madeira.

20	Há muito tempo, pude me banhar no rio Madeira.	A long time ago, I was able to bathe in the Madeira River.
----	--	--

O quadro 12, linha 20, apresenta o Rio Madeira, nome popularizado em português. Mas para os indígenas, o rio se chama Cuyari, vocábulo que, no idioma quéchua, significa amor, segundo pesquisa da Santo Antônio Energia.

Quadro 13 - Xingu, Amazonas, Rio Negro e Solimões.

26	Xingu, Amazonas, rio Negro, Solimões.	Rivers Xingu, Amazonas, Rio Negro, Solimões.
----	---------------------------------------	--

O quadro 13, linha 26, apresenta os rios Xingu, Amazonas, rio Negro e Solimões. E para a passagem manteve-se os nomes como no texto de partida, sem explicações sobre eles. Já no que diz respeito à tradução, fiz a escolha apenas de explicitar, na verdade reforçar, que os nomes apresentados no texto se referem a rios, como se observa na tradução: “Rivers Xingu, Amazonas, Rio Negro, Solimões.”

Já o quadro seguinte, quadro 14, linha 95, revela algo ainda mais profundo no mundo dos coletivos, a relação cultural dos indígenas de uma mesma ou de diferentes etnias de se chamarem de parentes. Aqui não falamos apenas de grau de parentesco, mas também da partilha de ideais em comum. Enquanto tradutor, foi necessário que fizesse uma busca desse significado mais aprofundado, pois mesmo em português ele pode se revelar como uma armadilha já que

sua tradução intralingual, isto é, dentro de uma mesma língua, não se refere simplesmente a familiares, seu significado é mais profundo.

Quadro 14 - Nossos parentes.

95	Nossos parentes Guarani da Mata Atlântica, dessa borda de mar que chamam de "nhé ere", ou lugar que produz vida, pensam na região como uma paisagem e, ao mesmo tempo, uma fonte incessante de vida.	Our Guarani relatives - relatives only means that they share some common interests, such as collective rights, the history of colonization and the struggle for the socio-cultural autonomy of their peoples - from the Atlantic Rainforest, from this edge of the sea that they call "nhé ere", or place that produces life, think of the region as a landscape and, at the same time, an incessant source of life.
----	--	--

Quanto à tradução do termo, optou-se pela escolha de “*relatives*”, estabelecendo uma equivalência parcial tradutória, como define Aubert (1998), com percepção de que o termo não será possuidor de toda carga de significância que precisaria, por isso se fez um processo de adaptação ao texto, acrescentando uma explicação do termo dentro do texto de chegada: “*relatives only means that they share some common interests, such as collective rights, the history of colonization and the struggle for the socio-cultural autonomy of their peoples.*”

Os quadros apresentados anteriormente nos revelam a ideia de coletividade presente no texto e na concepção do autor, mostrando as diversas possibilidades de olhar para o fenômeno, coletividade e entender que existem outras formas de compreensão. A cosmologia é ampla, o mundo é uma vastidão e o texto de Krenak é um campo fértil de conceitos e visões de mundo para seres que estejam abertos a transformações necessárias. A tradução foi idealizada na tentativa expressa de contemplar todas essas ideias debatidas sobre a narrativa *Futuro Ancestral*, e também, certamente, olhar e debater sobre as escolhas realizadas no processo tradutório.

### **3 REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO**

Para que e para quem traduzir? Essa é uma pergunta que muitas vezes pode nos causar certa reflexão e travamento, no entanto, algumas vezes a resposta se apresenta de forma singela. O ponto é que Ailton Krenak é uma grande referência e, para além, é uma pessoa que parece ter o dom da comunicação. As palavras parecem dançar ao sair de sua boca; sua fala gera encantamentos. Dito isso, elabora-se a resposta para a pergunta inicial.

Entendo que traduzir o texto de Krenak parece algo muito importante na atual circunstância das relações com a vida na terra. Pessoalmente vejo grande verdade e identificação com seus textos, algo que foi crucial para a realização do presente exposto. Entramos em uma lógica de destruição e exploração sem escrúpulos e o autor em seu texto nos provoca a repensar e mudar essa logística. Portanto, a principal intenção deste estudo ampliar a voz desse grande pensador brasileiro, levá-lo para além das fronteiras, romper barreiras.

#### **3.1 REFLETINDO O FAZER TRADUTÓRIO**

Traduzir é uma atividade de complexidade; não há desafios mais ou menos fáceis na tradução, há desafios. Cada um deles nos proporcionará a destreza de ter que lidar com campos de conhecimentos vastos e cheios de desafios. Segundo Rónai (1981), o tradutor passa por caminhos repletos de armadilhas. Para outros, a tradução tem sim suas questões e desafios, mas como diz Octávio Paz (1970), aprender a falar é aprender a traduzir.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de Ailton Krenak são ricos em diversos aspectos. *Futuro Ancestral* comprova essa afirmativa. Por isso, propor uma tradução é uma atividade de estrita dedicação de aportes teóricos. Busquei nos pilares dos Estudos da Tradução aprofundar em conceitos que poderiam ajudar a traçar os caminhos por onde seguir. Também busquei autores, vozes que dialogam com e sobre Krenak, para aprofundar no mundo fantástico do texto fonte até a concretização do texto de chegada.

O presente estudo é fruto de ampla dedicação de pesquisa, coleta de materiais e aprofundamento no autor. Os diversos temas apresentados e debatidos são produtos dessa dedicação de pesquisa, e ainda existem mais pontos para serem explorados na obra de Ailton Krenak. Sua versatilidade enquanto autor, ideias e compreensões do mundo são uma fonte de saberes, na qual muitas áreas de conhecimentos podem buscar.

Algo que muito me cativou no texto *Futuro Ancestral*, e que é bastante presente nas demais obras do autor, é sua relação de íntima familiaridade com a natureza em sua diversidade. A cosmovisão do autor é inconfundível e uma de suas grandes marcas, algo imprescindível para os dias de guerra que estamos vivendo. Identificar-se com essa cosmovisão do autor foi um conhecimento de caso necessário para realizar a tradução.

Enquanto tradutor, reconheço nesse texto uma vasta gama de possibilidades, nas quais a tradução pode encontrar um campo fértil para suas análises. Quero me ater também à importância de traduzir um autor como Krenak, sabendo da sua relevância nos espaços que ocupa, como membro oficial indígena da Academia Brasileira de Letras, filósofo, ativista pelas causas indígenas, escritor e um dos maiores pensadores da atualidade.

Quanto à estrutura de análise, fruto do trabalho realizado para executar a tradução, foi necessário elaborar uma revisão de literatura bem aprofundada na qual se olha em separado para a obra e sua composição, por ser fruto da tradição de oralidade, forma de transmissão de pensamento dos povos originários em sua grande maioria. Além da obra, foi feita uma análise abrangente sobre quem é a pessoa de Ailton Krenak.

Tendo delimitado as características entre obra e autor, chegou-se aos aspectos da tradução. Nesse ponto, pode-se dizer que três pontos foram os que mais se destacaram na tradução: a presença do fazer filosófico de Krenak e suas metáforas; os seres da natureza como personagens cognoscentes da narrativa e a concepção de coletividades dos seres viventes.

Esses pontos pediram especial atenção da tradução a fim de que ela mantivesse a leveza poética do autor. Acredito que dentro de uma margem de erros e acertos, as escolhas de tradução foram assertivas em sua maioria, deixando uma segurança na tradução, pois se evidencia uma tradutibilidade notória em todo o texto, reduzindo as possíveis armadilhas e problemas de tradução que poderiam vir a ter no texto de partida.

Por fim, o processo de tradução se configurou como um trabalho de aprofundamento nos componentes da obra, trazendo leveza e certeza na execução das escolhas tradutórias. A busca da tradução foi por preservar a simplicidade e profundidade dos conhecimentos apresentados no texto de partida, bem como a poeticidade do texto, característica muito forte do autor. Em suma, todos os processos necessários para chegar no resultado deste estudo foram gratificantes, revelaram que há de se ter profundidade, ao menos deveria ter, nos estudos para realizar uma tradução, mesmo sabendo que neste ofício nem sempre é possível, já que na maioria das vezes o tradutor é sujeito a diversas pressões, sejam elas editoriais, comerciais ou de múltiplos fatores alheios ao tradutor.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto. O bem viver. Autonomia Literária; 1ª edição (1 janeiro 2016).

A VIDA NÃO É ÚTIL — Live da TV Canal 26 e Canal HD 526 da NET-Rio, com Ailton Krenak e a entrevistadora Rosangela Coelho, em agosto de 2020;

CARTOGRAFIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO — Mesa virtual da Flip, com Ailton Krenak e Muniz Sodré e mediação de Vagner Amaro, em dezembro de 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=78ikR\\_oxtg](https://www.youtube.com/watch?v=78ikR_oxtg). Acesso em: 21 de janeiro de 2024.

DELCASTAGNÈ, Regina. **Uma voz ao sol - representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no 20. Brasília, julho/agosto de 2002, pp. 33-87. Disponível em: file:///Users/novo/Downloads/Dialnet-UmaVozAoSol-4846244.pdf. Acesso em: 28 fev. 2024.

ESCÓSSIA, Liliana. KASTRUP, Virgínia. O CONCEITO DE COLETIVO COMO SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA INDIVÍDUO-SOCIEDADE, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pe/a/q5rCtwDCZgpC84gJTcKY8v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2024.

ESPAÇOS PARA RESPIRAR — XV Seminário Internacional da Escola da Cidade, com Ailton Krenak e Wellington Cançado e mediação de Francisco Fanucci, em agosto de 2020;

GUIRAUD, Pierre. **A Estilística**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.  
<https://academiamineiradeletras.org.br/academicos/ailtonkrenak/>.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.  
JAKOBSON, Roman. **Aspectos linguísticos da tradução**. USP, *Linguística e comunicação* 15, 66-72, 1969. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4462369/mod\\_resource/content/1/Jakobson%20PPT%20rev.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4462369/mod_resource/content/1/Jakobson%20PPT%20rev.pdf). Acesso em: 28 fev. 2024.

KRENAK, A. SILVESTRE, H. SANTOS, S. B. O sistema e o antissistema: três ensaios, três mundos no mesmo mundo. - Belo Horizonte : Autêntica, 2021.

MERÇON, GARCIA E WERNECK. **Línguas indígenas e naturezas: Desafios frente à perda de mundos**. *DasQuestões*, Vol. 10, nº1, p.1-6. julho de 2020.  
Universidade de Brasília. **UnB concede título de Doutor Honoris Causa ao ativista Ailton Krenak**. UnB, 2022. Disponível em: <https://noticias.unb.br/39-homenagem/5718-unb-concede-titulo-de-doutor-honoris-causa-ao-ativista-ailton-krenak>. Acesso em: 23 de janeiro de 2024.

OS RIOS E AS CIDADES — Aula espetáculo com Ailton Krenak, na segunda edição de Amazônia das Palavras, em novembro de 2021; Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=eeiWBxaZ2is>. Acesso em: 3 jun. 2024.

O TEMPO E A EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DOS SABERES ANCESTRAIS — Fala de Ailton Krenak no Segundo Congresso LIV Virtual, em outubro de 2020.

PAIVA, Maria Clara. **Quem é Ailton Krenak?**. POLITIZE, 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ailton-krenak/>. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

PIB Socioambiental. **Krenak**. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krenak>. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

POLÍTICAS CÓSMICAS — Diálogo de abertura do Festival Seres Rios, com Ailton Krenak e Marisol de la Cadena e mediação de Ana Gomes, em agosto de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JPWjZcOoe0>. Acesso em: 22 de janeiro de 2024.

RÓNAI, Paulo. A Tradução Vivida. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. Escola de Tradutores. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SANTO ANTÔNIO ENERGIA. Saiba Mais - Rio Madeira. Disponível em: [https://www.santoantonioenergia.com.br/wp-content/uploads/2022/08/02\\_rio\\_madeira.pdf](https://www.santoantonioenergia.com.br/wp-content/uploads/2022/08/02_rio_madeira.pdf). Acesso em 06 set. 2014.

UFMG. Ailton Krenak fala sobre escrita e memória na volta do projeto 'Aulas abertas'. Arte e cultura. 29 de janeiro 2021. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ailton-krenak-fala-sobre-escrita-e-memoria-na-volta-do-projeto-aulas-abertas>. Acesso em: 04 mar. 2024.